



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 9 de maio de 2024

<b>Bolsas</b> Na quarta-feira	<b>Pontuação B3</b> Ibovespa nos últimos dias	<b>Dólar</b> Na quarta-feira	<b>Salário mínimo</b> R\$ 1.412	<b>Euro</b> Comercial, venda na quarta-feira	<b>CDI</b> Ao ano	<b>CDB</b> Prefixado 30 dias (ao ano)	<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %)
0,21% São Paulo	127.122	R\$ 5,091 (+ 0,47%)		R\$ 5,471	10,65%	10,37%	Novembro/2023 0,28 Dezembro/2023 0,56 Janeiro/2024 0,42 Fevereiro/2024 0,83 Março/2024 0,16
0,44% Nova York	129.480						
	3/5 6/5 7/5 8/5						
		Últimos					
		2/maio 5,112					
		3/maio 5,069					
		6/maio 5,074					
		7/maio 5,067					

## JUROS ALTOS

# Com Copom dividido, Selic vai a 10,5%

Para analistas, o fato mais relevante da decisão do Comitê de Política Monetária do Banco Central foi a divergência entre os diretores indicados por Bolsonaro e os indicados por Lula. A avaliação é de que a divisão permaneça nas próximas rodadas

» ROSANA HESSEL

Como esperado, o Banco Central desacelerou o ritmo de corte dos juros e reduziu, ontem, a taxa básica da economia (Selic) em 0,25 ponto porcentual, para 10,50% ao ano, em uma reunião dividida entre os nove diretores do Comitê de Política Monetária (Copom). Após o comunicado apontando o fim do consenso entre a diretoria do BC, analistas veem que, nas próximas reuniões, haverá novas divergências, especialmente em relação à taxa terminal do ciclo de afrouxamento dos juros.

No terceiro encontro do Copom do ano e o primeiro após a mudança na meta fiscal no Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO) de 2025, enviado no mês passado ao Congresso Nacional, o colegiado pôs uma pá de cal no consenso entre as alas ortodoxa (mais dura em relação ao controle da inflação) e a heterodoxa (mais leniente com a alta de preços), que vinha ocorrendo desde a troca de governo.

O grupo liderado pelo presidente do BC, Roberto Campos Neto, e composto pelos diretores mais antigos e escolhidos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro — Carolina de Assis Barros, Diogo Abry Guillen, Otávio Ribeiro Damasco e Renato Dias de Brito Gomes — optou pelo corte menor, de 0,25 ponto porcentual. Já os diretores indicados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, liderados pelo ex-secretário executivo do Ministério da Fazenda, Gabriel Galípolo, que é cotado para substituir Campos Neto no fim do ano — Ailton de Aquino Santos, Paulo Picchetti e Rodrigo Alves Teixeira —, votaram pela redução de 0,50 ponto porcentual.

No comunicado, o Copom reforçou a cautela no processo de afrouxamento dos juros e destacou que a conjuntura atual, “demanda serenidade e moderação na condução da política monetária”, devido ao cenário externo mais incerto e mais desafiador e com um processo desinflacionário doméstico que tende a ser

mais lento, com expectativas de inflação desancoradas. O comitê reforçou que “a política monetária deve se manter contracionista até que se consolide não apenas o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas”. Apesar de não sinalizar qual seria o corte da próxima reunião, o comunicado destacou que “a extensão e a adequação de ajustes futuros na taxa de juros serão ditadas pelo firme compromisso de convergência da inflação à meta”.

“Ficou claro, como esperado, a divisão entre ortodoxos versus heterodoxos, novamente, e a pressão que o governo vai fazer favorável à turma heterodoxa. Por enquanto, o Banco Central está protegido, e os juros vão cair lentamente, para 9,75% ao ano, talvez acima disso, porque a maioria ainda é ortodoxa”, destacou Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados. Para ele, não vai haver discussão sobre a próxima decisão, “mas a próxima divisão será sobre a taxa terminal” entre as duas alas.

“Os heterodoxos vão tentar levar a Selic para números menores do que o mercado está estimando. É um sinal do que teremos pela frente. Uma decisão de presidência favorável ao Gabriel Galípolo, teremos um BC ainda mais heterodoxo com as escolhas no fim do ano e um BC problemático nos últimos dois anos do governo Lula”, alertou Vale.

### Juros reais elevados

Com esse resultado, o Brasil segue na vice-liderança do ranking de juros reais (descontada a inflação), atrás apenas da Rússia, conforme dados levantados pelo economista Jason Vieira, da MoneYou. Na avaliação de Roberto Padovani, economista-chefe do Banco BV, que espera redução de 0,50 ponto porcentual na Selic, os juros básicos do Brasil estão elevados e há espaço para corte maior. “Mas, na nossa visão, esse corte menor faz sentido. Basicamente, há expansão fiscal, o mercado de trabalho

### Ritmo lento

O Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, realiza sétimo corte seguido da taxa básica da economia (Selic) e reduz o ritmo de corte para 0,25 ponto porcentual

#### HISTÓRICO

Mês do Copom Taxa Selic  
Em % ao ano



\*Decisão do Copom de ontem

\*\*Mediana das projeções do mercado coletadas pelo Banco Central no Boletim Focus em 3 de maio de 2024

#### NO TOPO

Com nova taxa Selic, os juros reais (descontada a inflação) do Brasil continuam entre os mais altos do mundo em ranking de 40 países elencados pela MoneYou

Taxa de juro real ex-ante\* – Em %

1	Rússia	7,79
2	<b>Brasil</b>	<b>6,54</b>
3	México	5,88
4	África do Sul	5,09
5	Colômbia	4,04
9	Índia	2,23
10	Estados Unidos	2,08
13	Chile	1,93
19	China	1,31
37	Holanda	-2,32
39	Turquia	-17,56
40	Argentina	-46,82

Média geral -0,12%

\*Taxa de juro nominal atual, descontada a inflação projetada para os próximos 12 meses

Fontes: Banco Central e MoneYou

está apertado, há pressão da inflação de serviços e expectativas de inflação desancoradas. Tudo isso justifica uma cautela maior na condução da política monetária”, afirmou. Ele contou que esperava que essa cautela começaria apenas na próxima reunião do Copom, marcada para os dias 18 e 19 de junho. Para Padovani, o ritmo de corte na próxima reunião deverá ser mantido em 0,25 ponto porcentual. “O que vai entrar no debate agora é a taxa terminal. Tem muita gente achando que a Selic pode ir para mais perto 9,75%. Mas eu continuo achando que os juros reais são muito altos e tem espaço para para cortar juros. E, por isso, o próximo presidente do Banco Central vai tomar mais riscos”, acrescentou.

### Setor produtivo

Apesar das críticas à redução do ritmo do corte, entidades empresariais reconheceram a importância da cautela da autoridade monetária no processo de redução dos juros. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) consideraram a decisão “inadequada”. A Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), defendeu a continuidade do processo de redução dos juros, porém, reconheceu que isso só será possível “se o quadro fiscal estiver equilibrado e em sintonia com a política monetária”.

A Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc), destacou a importância de o BC continuar comprometido com a redução da Selic “no longo prazo e de forma sustentável”. “A redução na intensidade da queda de 0,5% para 0,25% mostra a preocupação do Banco Central em controlar a inflação e também é reflexo de um momento mais adverso da economia mundial, onde os Estados Unidos estão tendo que retardar o processo de queda nos juros”, completou.



## ARRECADAÇÃO

### Haddad vai apresentar nova proposta de reoneração

» FERNANDA STRICKLAND

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse, ontem, esperar que a nova proposta de reoneração da folha de pagamentos possa pacificar o tema, já que essa discussão vem se desenrolando há mais de 10 anos. Após ter conversado com representantes do setor, Haddad disse que pretende apresentar ao presidente do Congresso, senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), uma nova alternativa.

“Esta semana nós fizemos uma proposta e o setor fez uma contraproposta ontem (terça-feira). Eu achei por bem, até por recomendação do presidente, e

pelas boas práticas políticas, pedir uma reunião com o presidente (do Congresso) Rodrigo Pacheco para que ele tomasse ciência da proposta do Ministério da Fazenda e da contraproposta dos setores, que está em consonância com o que nós entendemos, que pode ser um caminho de pacificação”, disse o ministro, em entrevista a emissoras de rádio no programa *Bom dia, ministro*, da Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

Segundo Haddad, a reoneração se dará de forma gradual e será conduzida, como já vinha sendo planejado, após a conclusão da reforma dos tributos sobre

Rafa Neddermeyer/Ag.ncia Brasil



No programa *Bom dia, ministro*, Haddad defendeu reoneração

consumo, cuja conclusão, na Câmara, está prevista para julho.

Na avaliação do ministro, a reoneração, junto com a reforma

tributária, tende a colocar o Brasil no pelotão da frente entre os melhores sistemas tributários do mundo. “A questão da reoneração

se insere em um quadro muito mais amplo, de construir um sistema mais transparente”, disse o ministro.

### Judicialização

O ministro espera tratar do assunto com Pacheco ainda essa semana. Até o fechamento desta edição, o encontro não constava da agenda de nenhum dos dois.

Na semana passada, os presidentes Lula e Pacheco reuniram-se, no Palácio da Alvorada, na tentativa de aparar as arestas criadas pela judicialização da lei que prorroga as desonerações até 2027.

No dia 24 de abril, a Advocacia-Geral da União (AGU) protocolou uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF), pedindo para suspender a desoneração de impostos sobre a folha de

pagamento de 17 setores da economia e de municípios pequenos. No dia seguinte, o ministro Cristiano Zanin concedeu liminar acatando o pedido.

Pacheco subiu o tom e chegou a publicar uma nota à imprensa reclamando da judicialização. Ele não apenas disse que houve precipitação ao levar o tema para o Supremo, como alertou que o impasse “gera uma crise de confiança na relação entre os Poderes para outros tantos temas que pressupõem uma relação de confiança”.

No encontro com Lula, também foram discutidas as pautas capazes de causar rumbos nas contas públicas — como a PEC do Quinquênio — e outras questões, que vêm causando ruídos na relação entre o Congresso e o Palácio do Planalto.